

Geomorfologia e Paisagem: Origem e contemporaneidade do conceito sob o olhar

Geomorfológico

Marcelo Martins de Moura-Fé - Mestrando em Geografia, Universidade Federal do Ceará;

e-mail: marcelomourafe@yahoo.com.br;

Resumo

O conceito de Paisagem configura-se como um dos conceitos-chave do conhecimento geográfico, sendo para a Geografia Física e, de forma mais específica, para a leitura geomorfológica das múltiplas realidades que nos cercam, sejam elas paisagens naturais, antrópicas ou mesmo, um amálgama de ambas, fundamental como meio de descrição, análise e proposições. A idéia de descrição da superfície terrestre alimentou a corrente majoritária do pensamento geográfico, sendo comum definir a Geografia como o estudo da Paisagem. Este conceito, sendo posto como objeto específico da Geografia e visto como uma associação de múltiplos fenômenos, os quais deveriam, a princípio ser apenas descritos, manteve e reforçou a concepção de ciência de síntese à Geografia, além de restringir sua real abrangência no contexto analítico do espaço. Todavia, no decorrer do tempo tal perspectiva apresentou variações, assim como também oscilou na imbricação e sucessão das escolas geográficas a importância desse conceito. Em determinados períodos, o conceito de Paisagem foi relegado a uma posição secundária durante os predomínios dos discursos vinculados às escolas da Geografia Clássica, da Nova Geografia e da Geografia Crítica, suplantado pela ênfase nos conceitos de Região, Espaço, Território e Lugar. Na década de 1970, houve a retomada do conceito de Paisagem. A partir dessa retomada, geomorfólogos dentre outros grupos de estudiosos avançaram sobre o aspecto morfológico na direção de outros focos sobre a Paisagem, se dedicando à construção de formas teóricas que buscavam não apenas descrever os modelados. Apesar de críticas feitas, o olhar geomorfológico sobre o conceito de Paisagem avançou, apresentando multifacetadas análises e olhares sobre este conceito. Desta forma, através de uma “simbiose”, a Geomorfologia apresenta-se como uma valiosa ferramenta para o entendimento da dinâmica das paisagens onde as formas do relevo se inserem como um dos componentes de fundamental importância, e, em contrapartida, o conceito de Paisagem apresenta-se como um conceito analítico significativo para a análise geomorfológica, sobretudo, na abordagem dos contextos espaciais atuais. A metodologia utilizada para a elaboração desse trabalho foi o de um detalhado embasamento teórico acerca dos temas tratados. Os objetivos que permeiam este texto são o de discutir o conceito de Paisagem, desde seu advento, que confunde-se com o da própria Geografia enquanto ciência, passando por sua evolução até chegar aos seus aspectos contemporâneos, buscando a relação deste conceito com a ciência Geomorfológica e a contribuição mútua para a análise da realidade geográfica atual.

Palavras-Chaves: Geomorfologia, Conceito-chave, Paisagem.

Abstract

The concept of Landscape configures itself as one of the key concepts of the geographic knowledge, being for the physical geography and, more specifically, for the geomorphological reading of the multiple realities that surround us, whether natural, human or even a amalgam of both, essential as a key for description, analysis and propositions. The idea of description of the terrestrial surface has fed the major geographic current, being common to define Geography as the study of the landscape. This concept, used as the specific object of Geography and seen as a combination of multiple phenomena, which should, in principle only be described, has strengthened the concept of science of synthesis to the Geography, besides the fact that restricts their actual coverage in the analytical context of space. However, over time such a perspective presented variations, as well as varied in overlapping succession of geographical schools and in the importance of that concept. In certain periods, the concept of Landscape was relegated to a secondary position during the predominance of the speeches tied to the schools of Classical Geography, New Geography and Critical Geography, supported by the emphasis on the concepts of Region, Space, Place and Territory. On the decade of 1970, there was the

resumption of the concept of Landscape. From that resumption, geomorphologists among others groups of scholars have advanced on the morphological aspect toward other outbreaks on the Landscape, dedicating their studies in the construction of theoretical ways that sought not only describe the reliefs. Despite the criticisms made, the geomorphological look on the concept of Landscape progressed, presenting different analyses and visions about this concept. Therefore, through a "symbioses", Geomorphology presents itself as a valuable tool for the understanding of the dynamics of the landscape where the forms of relief insert themselves as one of the components of fundamental importance, and in return, the concept of Landscape is a significant analytical concept for the geomorphological analysis, especially in addressing the current space contexts. The methodology used for the preparation of this work was a detailed theoretical study on the topics discussed. The goals that permeate this text are to discuss the concept of Landscape, since its advent, which confuses itself with the Geography itself as a science, through its evolution until its contemporary aspects, seeking to link this concept with Geomorphological science and to give a mutual contribution to the analysis of the current geographical reality.

Key Words: Geomorphology, Key-concepts, Landscape.

1. Introdução: O Conceito-Chave

O conceito de Paisagem configura-se como um dos conceitos-chave do conhecimento geográfico, sendo para a Geografia Física e, em particular, à Geomorfologia - que, segundo Bloom (2000), é “a ciência do estudo da Paisagem”, fundamental para a leitura geomorfológica das múltiplas realidades que nos cercam, sejam elas naturais e antrópicas, ou mesmo, um amálgama de ambas, fundamental como meio de descrição, análise e proposições.

Uma intensa controvérsia sobre a matéria tratada pela Geografia se manifesta na indefinição do objeto desta ciência, que teria base no próprio significado etimológico do termo “Geografia”: descrição da Terra. Assim, caberia ao geógrafo descrever todos os fenômenos manifestados na superfície da Terra, sendo, portanto, uma espécie de síntese de todas as ciências (Moraes, 1988). Segundo este autor, esta concepção originou-se das formulações de Kant, onde haveria duas classes fundamentais no conjunto das ciências: as especulativas, apoiadas na razão, e as empíricas, apoiadas na observação e nas sensações.

Ao nível deste segundo grupo, haveria duas disciplinas de síntese: de um lado a Antropologia, vista como a síntese dos conhecimentos relativos ao homem, e do outro lado, a Geografia, entendida como a ciência de síntese dos conhecimentos sobre a natureza. Desta forma, a tradição kantiana coloca a Geografia como uma ciência sintética (que trabalha com os dados de todas as demais ciências), descritiva (que enumera e descreve todos os fenômenos abordados) e que visa abranger uma visão de conjunto do planeta (Moraes, 1998).

2. Metodologia utilizada e Objetivos Propostos

A metodologia utilizada para a elaboração desse trabalho foi basicamente a de um detalhado embasamento teórico sobre a temática abordada, desde o advento do conhecimento geográfico enquanto ciência e alguns dos seus postulados básicos primordiais, à discussão do conceito de Paisagem e suas nuances ao longo da historiografia geográfica. De forma correlata, fazemos a correlação deste conceito com a especialização geográfica da Geomorfologia. Os objetivos que delineiam e permeiam este texto são o de discutir o conceito de Paisagem, buscando ao longo desse percurso, discutir a relação deste conceito com a ciência Geomorfológica e a contribuição mútua para a análise da realidade geográfica da atualidade, isto é, no curto termo.

3. Morfologia e Fisiologia da Paisagem: as bases da Geomorfologia

A idéia de descrição da superfície alimentou a corrente majoritária da Geografia. Isto, associado aos aspectos descritivos do método de leitura da Paisagem, redundou no discurso comum de definir a Geografia como o estudo da Paisagem. Este conceito, sendo posto como objeto específico da Geografia e visto como uma associação de múltiplos fenômenos, os quais deveriam ser apenas descritos, manteve e reforçou a concepção de ciência de síntese à Geografia, além de restringir sua real abrangência no contexto analítico do espaço.

Todavia, tal perspectiva apresentou duas variantes básicas para a apreensão da Paisagem: uma, mantendo a tônica descritiva, se deteria na enumeração dos elementos presentes e na discussão das formas, daí ser denominada de morfológica. A outra, avançaria na análise e se preocuparia com a relação entre os elementos e suas dinâmicas, o estudo da fisiologia, do funcionamento da Paisagem (fig. 01) (Corrêa e Rosendahl, 1998).

Em contraponto a este avanço que pode nos dar uma falsa idéia de evolução linear, a importância da Paisagem na história do pensamento geográfico tem na verdade oscilado. De acordo com Corrêa e Rosendahl (1998), esse conceito foi relegado a uma posição secundária durante os períodos marcados pelos predomínios dos discursos vinculados às escolas da Geografia Clássica, da Nova Geografia e da Geografia Crítica, suplantado pela ênfase nos conceitos de Região, Espaço, Território e Lugar.

Porém, o saldo das oscilações vivenciadas por esse conceito é o de que a Paisagem tem-se constituído de maneira cada vez mais significativa como um conceito-chave da Geografia, tendo sido vista como o conceito capaz de fornecer unidade e identidade à

Geografia num contexto de afirmação da disciplina (Corrêa e Rosendahl, 1998). Para chegar a esse “status”, a retomada do conceito de Paisagem se verificou após a década de 1970, com estudos e novas acepções fundadas em outras matrizes epistemológicas.

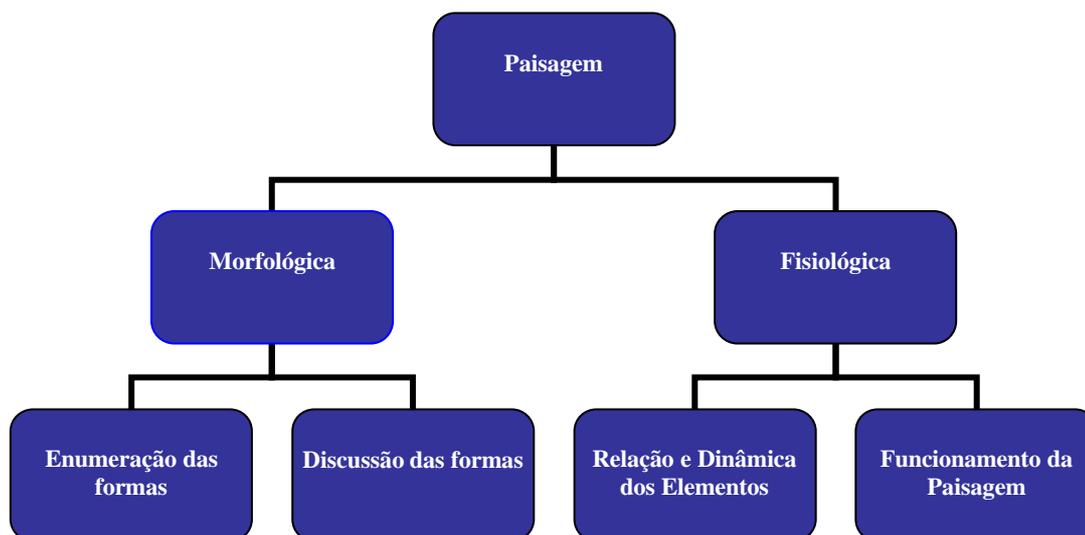


Figura 01: Organograma-Síntese das variantes básicas do Conceito de Paisagem e suas características principais (Adaptado de Moraes, 1998, por: Marcelo Martins, 2008).

Para Sauer (1998), tais estudos se limitaram rapidamente de modo a considerar apenas a forma superficial do terreno, ou seja, o relevo. A delimitação específica das formas ao relevo e o interesse na origem dessas formas originou, sob a liderança de Peschel, von Richthofen e de La Nöe, a pesquisa genética que foi denominada “Geomorfologia”. Desta forma, surgiam as bases da Geomorfologia no seio geográfico.

4. A Evolução do Conceito de Paisagem

Corrêa e Rosendahl (1998) reforçam que a Paisagem tem uma dimensão morfológica, ou seja, um conjunto de formas criadas pela natureza e pela ação humana, e uma dimensão funcional (ou fisiológica). Porém, os autores avançam na dicotomia apresentada por Moraes (1998) ao postular que ao ser também produto da ação humana ao longo do tempo, a Paisagem apresenta uma dimensão histórica. Na medida em que uma mesma Paisagem ocorre em certa área da superfície terrestre, apresenta também uma dimensão espacial. Além disso, ao passo que a Paisagem também é portadora de significados, expressando valores, crenças, mitos e utopias: tem assim uma dimensão simbólica.

Dito isso e parafraseando Montserrat (1990), a Paisagem é algo mais do que uma simples imagem que podemos observar num lugar a partir de um determinado ponto de vista. Para este autor: “O estudo da Paisagem pode constituir-se numa verdadeira ciência de integração que ainda se faz necessária definir com precisão”.

4.1. A Morfologia da Paisagem

A Paisagem geográfica é analisada morfologicamente por Sauer (1998). Este autor cita que os fenômenos que compõem uma área não estão simplesmente reunidos, mas sim, associados ou interdependentes. Assim, o termo Paisagem é apresentado por ele para definir o conceito de unidade da Geografia, para caracterizar a associação peculiarmente geográfica dos fatos. Ela pode ser definida como uma área composta por uma associação distinta de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais.

Nesse sentido toda Paisagem tem uma individualidade, uma relação com outras paisagens e isso também é verdadeiro com relação às formas que compõem a Paisagem. O conteúdo desta é encontrado, portanto, nas qualidades físicas da área que são importantes para o homem e nas formas do seu uso da área, em fatos de base física e fatos da cultura humana.

Dito isso, o autor postula que não podemos formar uma idéia de Paisagem a não ser em termos de suas relações associadas ao tempo, bem como suas relações vinculadas ao espaço. Ela está em um processo constante de desenvolvimento ou dissolução e substituição. No tocante à dimensão antrópica, Sauer (1998) frisa que a modificação da área pelo homem e sua apropriação se expressam por si mesmas na Paisagem cultural. Pode haver uma sucessão dessas paisagens como uma sucessão de culturas. Para ele, a divisão de formas em naturais e culturais é a base necessária para determinar a importância da área e o caráter da atividade humana.

4.2. A Paisagem e o sistema lógico Geográfico

Publicado em 1949 por Bobek e Schmithüsen, sob a tradição alemã de estudo da Paisagem, temos as relações homem-natureza e da qual, segundo Corrêa e Rosendahl (1998), a Paisagem é a expressão fenomênica mais contundente. Nesse trabalho a Geografia não se limita à observação e à descrição do visível, ainda que parta delas, mas pretende compreender a natureza do conjunto dos elementos constitutivos da superfície terrestre. Esse âmbito é

constituído pelos seguintes elementos: fenômenos espaciais; o entrelaçado de relações; e a sucessão temporal (Bobek e Schmithüsen, 1998).

Os espaços da superfície terrestre devem ser concebidos não como entidades tridimensionais, mas sim, quadridimensionais. Dada a sua natureza, participam do mundo inorgânico, do mundo da vida e do mundo do espírito (Bobek e Schmithüsen, 1998). No domínio do inorgânico o interesse da Geografia não chegaria até as unidades elementares, se detendo aos sistemas ou complexos que na Paisagem desempenham o papel de elementos básicos. Ao contrário dos componentes abióticos, os indivíduos do mundo orgânico podem entrar diretamente para formar parte da Paisagem como verdadeiras unidades elementares. Os seres vivos não são simples produtos de seu meio; tampouco são propriamente autônomos em relação a ele, mas podem resistir e contrapor sua influência e acomodá-la às suas condições de vida mundo do espírito (Bobek e Schmithüsen, 1998). Em suma, os autores ressaltam que os objetivos fundamentais da análise da Paisagem são descobrir a ordem dentro da multiplicidade, decompô-la e explicar o emaranhado de relações recíprocas que nela se dá.

4.3. Paisagem-marca e Paisagem-matriz

Augustin Berque (1984) apresenta um novo padrão de análise da Paisagem, diferente dos estudos anteriores da fase anterior a 1970 (morfológica e fisiológica), para outro que passa a predominar após 1970. Seu estudo é caracterizado por uma abordagem nitidamente cultural. Sua contribuição está no fato de ter apontado o duplo papel da Paisagem geográfica. Simultaneamente ela é uma marca, uma grafia, que a sociedade imprime na superfície e, ao mesmo tempo as marcas constituem matrizes, isto é, condições para a existência humana (Berque, 1998).

Como manifestação concreta, segundo Berque (1998), a Paisagem está naturalmente exposta à objetivação analítica do tipo positivista; mas ela existe, em primeiro lugar, na sua relação com o sujeito coletivo: a sociedade que a produziu, que a reproduz e a transforma em função duma certa lógica. A Paisagem é uma marca, pois expressa uma civilização. E como marca, a Paisagem pode e deve ser descrita e inventariada.

4.4. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas Paisagens Humanas

Publicado por Denis Cosgrove (1989) seu olhar representa a adoção de uma abordagem cultural, calcada no simbolismo da Paisagem. O autor identifica dois tipos

fundamentais de paisagens geográficas. O primeiro é a “Paisagem da cultura dominante”, um dos meios através dos qual o grupo exerce o seu poder. Em termos de paisagens existentes, naturalmente somos inclinados a ver a expressão mais clara da cultura dominante no centro geográfico do poder. O segundo tipo é denominado de “paisagens alternativas”: paisagens residuais, emergentes e excluídas. Por sua natureza, as culturas alternativas são menos visíveis na Paisagem do que as dominantes, apesar de que, com uma mudança na escala de observação, pode parecer dominante uma cultura subordinada ou alternativa.

5. Análise da Paisagem no Contexto Geomorfológico

Na evolução do pensamento geográfico diversos geógrafos legaram importantes contribuições para a compreensão do quadro natural do planeta (Mendonça, 1997). Alguns estudos se limitaram a considerar a forma superficial do terreno. De acordo com Sauer (1998), os geomorfólogos perderam quase que completamente a visão das formas reais da terra e se dedicaram à construção de formas teóricas deduzidas de processos físicos individuais”. Um dos exemplos mais pertinentes desse processo foi a teoria do Ciclo Geográfico de Erosão formulado por William Morris Davis (1899) que propunha, sobretudo, uma classificação genética das formas de relevo.

A “derrota dos objetivos geográficos foi, portanto, quase completa” e a geomorfologia tornou-se um ramo separado da ciência geral da Terra. O “emprego errado dos objetivos geográficos”, segundo Sauer (1998), surge das seguintes considerações: 1. o relevo é somente uma categoria da Paisagem; 2. não existe uma relação entre a origem do relevo e seu significado funcional; 3. origem complexa. Para Sauer (1998): “Por trás das formas presentes estariam associações de processos, formas anteriores ou ancestrais e expressões de tempo que seriam quase impossíveis de se determinar”. Vale ponderar que o estudo feito por Sauer, data de 1929 e o desenvolvimento do arcabouço técnico utilizado para a análise geomorfológica das Paisagens ainda se encontrava num estágio aquém do que é verificado atualmente. Dessa forma, a apreensão da gênese dos elementos que compõem a Paisagem parecia algo tão distante.

Para Bertrand (1972), a Paisagem não é a simples adição de elementos disparatados. É numa determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da Paisagem um “conjunto único e indissociável em perpétua evolução”. Para Ross

(2003), o entendimento do relevo passa, portanto, pela compreensão de uma coisa maior que é a Paisagem como um todo, desde sua origem até os processos que a modificam. Dentro dessa perspectiva, fica evidente a importância do entendimento da dinâmica das paisagens onde as formas do relevo se inserem como um dos componentes mais importantes e torna-se necessário entender o significado da aplicação dos conhecimentos geomorfológicos ao se implantar qualquer atividade antrópica de vulto na superfície terrestre (Ross, 2003).

Em virtude de tal complexidade dessa face, ganha importância a abordagem de um elemento fundamental para qualquer análise corológica, análise do espaço ou de parcela deste (Paisagem): o tempo.

6. A Abordagem do Tempo na Análise da Paisagem

Inquestionavelmente, o tempo é uma variável fundamental. O elemento do tempo está presente na associação dos fatos geográficos. A Paisagem, segundo Sauer (1998) tem forma, estrutura e função, e daí posição em um sistema, no qual este está sujeita a um desenvolvimento, mudança e fim.

A Geografia brasileira apresentou nos últimos anos significativo acúmulo de conhecimentos associado à temática ambiental, compreendida como aquela que tem por objetivo a análise da relação sociedade – natureza tomada a partir das alterações impostas ao meio. Esse conhecimento consolida a abordagem geossistêmica como referência teórico-metodológica fundamental para um grande número de geógrafos. Segundo Claudino-Sales (2004), a Teoria dos Sistemas homogeneiza artificialmente as diferenças genéticas e evolutivas dos elementos que compõem os sistemas pelo desprezo à dimensão temporal. Tal consideração está na base da conceituação dos sistemas: “... nos sistemas físicos, os eventos são, em geral, determinados apenas por condições momentâneas. O passado é por assim dizer, anulado”. (Bertalanfy, 1973).

Em tal contexto, na análise sistêmica, todo elemento de cunho evolutivo a médio e longo prazo é desconsiderado, com evidente prejuízo para a análise dos processos, formas e evolução das paisagens. Tal proposta metodológica não permite a apreensão das inter-relações estabelecidas ao longo de toda a extensão do tempo geológico (Claudino-Sales, 2004). Se considerarmos que algumas heranças morfoestruturais perduram nas paisagens por até várias centenas de milhões de anos, de forma a condicionar a evolução ulterior dos demais elementos que hoje as compõem, fica evidente o empobrecimento, em termos de

conhecimento e de compreensão, da consideração apenas momentânea da dinâmica dos meios físicos. Por outro lado, baseados na perspectiva metodológica oriunda do Princípio do Atualismo (ou Uniformitarismo), muitos pesquisadores buscam desvendar e esclarecer os passos da evolução dos grandes elementos que compõem as paisagens naturais. A perspectiva uniformitarista apóia-se na interpretação da dinâmica dos processos atuais e da consideração de que estes, submetidos sempre às mesmas leis físicas, atuaram de forma semelhante, ainda com intensidades diferenciadas, ao longo da história natural da Terra (Claudino-Sales, 2004).

Da adoção do princípio do Atualismo, surgem, numa perspectiva geográfica, espacial, a recomposição da longa história das paisagens naturais, a decodificação da monumental história dos continentes, o desvendamento dos processos de nascimento e extinção de oceanos e mares, a identificação da origem e evolução dos grandes volumes de relevo, a compreensão da estruturação espacial de bacias hidrográficas, a reconstituição dos climas do passado, inclusive daqueles que subsidiaram o alvorecer da sociedade humana em seus primeiros e ulteriores passos históricos (CLAUDINO-SALES, 2004).

7. Considerações Finais

No contexto da Geografia Física o conceito de Paisagem apresentou sob diferentes formas e em diferentes momentos, fundamental para a leitura geomorfológica. Segundo Brasil (2001), a análise da Paisagem deve focar as dinâmicas de suas transformações e não simplesmente e apenas a descrição e o estudo de um mundo aparentemente estático, embora esse seja um passo necessário.

Apesar de críticas sobre uma suposta “supervalorização” do relevo, está claro que o entendimento do relevo passa pela compreensão de uma coisa maior que é a Paisagem como um todo, e vice-versa. Assim, não se pode entender a gênese e a dinâmica das formas de relevo, por exemplo, sem que se entendam os processos morfogenéticos que o originaram, sem que se percebam as diferentes interferências dos demais componentes em uma determinada unidade de Paisagem, dentre elas a ação antrópica e seus correlatos impactos sobre o quadro natural da Paisagem.

Desta forma, através de uma “simbiose”, a Geomorfologia apresenta-se como uma valiosa ferramenta para o entendimento da dinâmica das paisagens onde as formas do relevo se inserem como um dos componentes de fundamental importância, e, em contrapartida, o

conceito de Paisagem apresenta-se como um conceito analítico significativo para a análise geomorfológica, sobretudo, na abordagem dos contextos espaciais atuais.

8. Bibliografia

Bertalanfy, L. V. (1973). **Teoria Geral dos Sistemas**. Rio de Janeiro: Vozes.

Bertrand, G. (1972). **Paisagem e Geografia Física Global. Esboço metodológico. Caderno de Ciências da Terra**. 13. São Paulo.

Bloom, A. L. (2000). **Superfície da Terra**. Tradução: Setembrino Petri e Reinholt Ellert. São Paulo: Edgard Blücher.

Bobek, H. e Schmithüsen, J. (1998). **A Paisagem e o sistema lógico da Geografia**. In: Corrêa, R. L. e Rosendahl, Z. (org.) **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ.

Brasil. (2001). **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia**. Brasília: MEC / SEF.

Claudino-Sales, V. (2004). **Geografia, sistemas e análise ambiental: abordagem crítica**. GEOUSP – Espaço e Tempo, 16. São Paulo.

Mendonça, F. (1997). **Geografia e Meio ambiente**. São Paulo: Contexto.

Mendonça, F. (2001). **Geografia Física: Ciência Humana?** 7 ed. São Paulo: Contexto.

Moraes, A. C. R. (1998). **Geografia. Pequena história crítica**. 14 ed. São Paulo: Hucitec.

Ross, J. L. S. (2003). **Geomorfologia: ambiente e planejamento**. 7 ed. São Paulo: Contexto.

Salgado-Laboriau, M. L. (1994). **História Ecológica da Terra**. 2 ed. São Paulo: Edgard Blücher.

Sauer, C. O. (1998). **A Morfologia da Paisagem**. In: CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (org.) **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Ed UERJ.